



“MIGRAR: EXPERIÊNCIAS, MEMÓRIAS E IDENTIDADES”. Análise da exposição de longa duração do Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

ODAIR DA CRUZ PAIVA\*

### *Apresentação*

Em 2010, o Memorial do Imigrante em São Paulo teve suas atividades encerradas em função do início das obras de restauro da antiga edificação da Hospedaria de Imigrantes do Brás; o término das obras ocorreu em 2014 e o espaço foi entregue ao público concomitantemente à inauguração da exposição de longa duração *Migrar: experiências, memórias e identidades*. Em sua nova fase a edificação abriga o recém inaugurado Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

A imagem pública da requalificação daquele espaço se traduz no restauro da edificação e também na exposição de longa duração. Embora a equipe gestora do museu esteja empenhada numa série de outras atividades, a exposição representa, em minha avaliação, não só um divisor de águas com as antigas exposições realizadas naquele espaço, mas, principalmente, a *construção* de um enfoque particular sobre a imigração.

A memória da imigração erige-se num campo de disputas determinado por intencionalidades e releituras que cada presente faz do passado. (CANDAU, 2012; TODOROV, 2000). Creio ser desnecessário explicitar a importância da imigração e suas conexões com o desenvolvimento econômico, político e cultural do Estado de São Paulo; ela foi, há várias décadas, elevada ao status de patrimônio da coletividade paulista dada a sua capilaridade e importância para parcela significativa da população.

A reabertura da antiga Hospedaria de Imigrantes e a inauguração do Museu da Imigração inscrevem-se num contexto de embates – nem sempre explícitos - entre as representações sobre o passado e os desafios no presente. O objetivo deste artigo é compreender a nova exposição como produto destes embates e como *materialização* de uma leitura específica do processo migratório. Cultura material, iconografia, documentação, textos, vídeos, sonorização e uma série de recursos tecnológicos são parte de um discurso expositivo no qual as intenções da curadoria explicitam-se (MAGALHÃES e RAMOS, 2008; CURY, 2005). Procuro uma unidade compreensiva que revele qual o lugar da exposição nos embates contemporâneos sobre a memória da imigração. Esta

---

\* Professor do Departamento de História e do Programa de Pós Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade Federal de São Paulo – Campus Guarulhos.

reflexão faz parte de uma pesquisa mais ampla intitulada *Museus e Patrimônio da Imigração: história, memória e patrimônio cultural nos museus de imigração no Estado de São Paulo* cujo escopo central é analisar as formas da memória da imigração em alguns museus da imigração no Estado de São Paulo.

### *Antecedentes*

Em 2011 produzi o artigo *Museus e Memória da Imigração: embates entre o passado e o presente* (PAIVA, 2014); nele, fiz considerações sobre o descompasso entre a representação da imigração presente no então Memorial do Imigrante e os novos fluxos imigratórios para a cidade. Nos anos 1980, a criação do Centro Histórico do Imigrante marcou o início do processo de *musealização* da antiga Hospedaria de Imigrantes e, conseqüentemente, da memória da imigração para o Estado de São Paulo. Esta década também marcou o início da tensão entre fluxos imigratórios pretéritos e contemporâneos; no artigo a questão estava apontada da seguinte forma:

*Vale lembrar que, a partir dos anos 1980, novas levas de imigrantes estiveram presentes no cenário urbano de São Paulo. Este exílio com relação ao presente não provocou tensões imediatas entre os novos imigrantes e a representação sobre a imigração presente no Memorial. Entretanto, bastaram dois novos elementos para que essas surgissem no cenário: Um deles foi o transcurso do tempo; trinta anos após os primeiros ingressos de chineses, coreanos, bolivianos e oriundos de África, foram suficientes para a criação de um estranhamento entre a nova percepção social da imigração e as representações presentes no Memorial. (...) Assim, as transformações sociais e culturais provocadas pelos novos fluxos imigratórios na cidade de São Paulo, a partir dos anos 1980 a 2000 produziram outra perspectiva sobre a imigração. A presença de imigrantes latino-americanos, asiáticos e africanos passou a contrastar com a ideia de imigração expressa naquele território que se intitulava Memorial do Imigrante. (PAIVA, 2014:165)*

O processo de *musealização* da Hospedaria de Imigrantes, bem como a maior parte das atividades que ali foram desenvolvidas (exposições, produção de história oral de vida, constituição da reserva técnica, etc.), tiveram conexão evidente com a história daquele espaço. Durante noventa anos (1888-1978), a Hospedaria recebeu e encaminhou para a agricultura aproximadamente 1,9 milhão de imigrantes oriundos em sua grande maioria da Europa mas também provenientes do Japão e Oriente Médio, além de 1,6 milhão de trabalhadores nordestinos (PAIVA e MOURA, 2008). Suas

atividades foram marcadas por um contexto específico da imigração, denominado por vários autores como “grande imigração”.

O encerramento das atividades da Hospedaria em 1978 produziu um ambiente propenso à sua *musealização* cuja tônica foi a preservação e divulgação da memória da instituição e da imigração dentro dos marcos apontados anteriormente. Da criação do Centro Histórico do Imigrante em 1984- sob a administração da Secretaria de Estado da Promoção Social – à organização Memorial do Imigrante em 1998 - este ligado à Secretaria de Estado da Cultura – houve debates sobre a necessidade em incorporar os novos fluxos migratórios alargando, assim, a perspectiva sobre a imigração naquele espaço. Foram realizados seminários e exposições sobre a imigração latino-americana e abriram-se espaços para a visibilidade da imigração oriunda de África.

Apesar disso, é preciso registrar que as atividades de organização do acervo demandaram boa parte da atenção e energia das equipes técnicas que ali trabalharam; isto significou a identificação, organização e divulgação de todo um acervo relacionado à “grande imigração”. Em outros termos, a *musealização* da Hospedaria de Imigrantes esteve relacionada à imigração europeia (notadamente) e marcada temporalmente pelo final do século XIX e primeiras décadas do século XX.

O encerramento das atividades naquele espaço em 2010 propiciou a retomada da discussão sobre seu lugar no território plural da imigração no presente; o Museu da Imigração foi erigido neste ambiente e a partir de uma tensão pouco debatida e explicitada. Por um lado, o Museu foi instalado na antiga edificação da Hospedaria apontando para a *musealização* do processo migratório que teve como palco suas dependências. Por outro, esperava-se com sua reabertura uma atualização do tema da imigração e que ela fosse abordada para além dos marcos da história institucional da Hospedaria de Imigrantes.

Considero importante marcar que, quando do seu fechamento, a documentação sobre o processo migratório produzida pela dinâmica das atividades ali desenvolvidas (PAIVA, 2009) foi transferida para o Arquivo Público do Estado de São Paulo. O que temos hoje é um Museu sem a maior parte de seu acervo documental físico. Por fim, creio que uma análise sobre a exposição *Migrar: experiências, memórias e identidades* pode revelar as tensões, ambiguidades e alternativas encontradas pela curadoria para o desenvolvimento de um tema tão sensível e controverso como a imigração para São Paulo.

### *Migrar: experiências, memórias e identidades*<sup>1</sup>

Exposições são construções complexas; elas representam a materialização do trabalho de um conjunto significativo de profissionais e são produtos de intencionalidades, perspectivas, escolhas e descartes no desenvolvimento de um tema. Exposições são textos erigidos por meio de signos particulares; iconografia, documentação, cultura material, recursos técnicos e opções cenográficas substituem as palavras ou dão suporte a elas. (BITTENCOURT, 2003). Exposições são uma forma de conhecimento e, como tal, exigem vários planos de leitura e produzem avaliações sempre subjetivas e provisórias. Analisar exposições é enfrentar o desafio da construção de uma crítica que também estará sujeita a críticas. Farei uma leitura desta exposição tendo como vetores de análise três planos: descrição, proposta e implicações.

#### *1) Descrição*

A exposição ocupa a totalidade do piso superior que está sob a administração do Museu da Imigração.<sup>2</sup> Para acessá-la, o visitante vence uma escadaria que o leva a uma área central que divide as duas alas da exposição, servindo de ponto de convergência entre ambas. Nele encontramos a **obra do artista plástico Nuno Ramos intitulada *É isto um homem?*** título homônimo do livro de Primo Levi. No centro desse ambiente – e ocupando a quase totalidade do mesmo - há uma instalação assemelhada a uma carroceria de caminhão (que também pode sugerir a forma de um barco) suspensa do chão e carregada com alguns milhares de tijolos – a palavra *tijolo* está grafada em várias línguas. A instalação induz que o peso dos tijolos adernou a carroceira/embarcação de maneira a que parte destes forçou um dos lados e muitos caíram sobre o chão. Ao lado desta instalação há um expositor em vidro contendo uma cadeira e sobre o assento desta um tijolo. Na

---

<sup>1</sup> Extrato da Ficha Técnica: Coordenação Museológica da Implantação: Expomus: Exposições, Museus e Projetos Culturais. Direção: Maria Ignez Mantovani Franco; Roberta Saraiva Coutinho; Renato Musa. Coordenação do Projeto: Carolina Vilas Boas. Comitê Curatorial: Carolina Vilas Boas; Caroline Nobrega; Felipe Tassara; Fernando Uehara; Luiz de Franco Neto; Marco Antônio Alves; Mariana Esteves Martins; Marília Bonas. Consultoria Científica: Eduardo Góes Neves; José Guilherme Magnani; Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha. Pesquisa para a Exposição – Coordenação da Primeira Etapa: Odair da Cruz Paiva. Pesquisadoras: Glória Kok Martins; Kelly Ludkiewicz Alves.

<sup>2</sup> O edifício da antiga Hospedaria de Imigrantes está dividido em duas partes. A parte frontal é administrada pelo Museu da Imigração. As dependências que estão ao fundo da edificação são administradas por uma associação que abriga população de rua e imigrantes refugiados. A linha divisória entre ambas as partes é feita horizontalmente de maneira a que o corpo frontal da edificação e parte das dependências dos antigos dormitórios (localizados no piso superior e erigidos em sentido vertical ao corpo central) constituam o Museu da Imigração.



frente da cadeira com o auxílio de um autofalante ouve-se em várias línguas o trecho da obra de Primo Levi.

O mapa da exposição sugere que o visitante siga à esquerda onde encontrará a ala com um conjunto de quatro módulos - num total de sete que compõem a exposição. **No primeiro módulo, Diásporas**, há a projeção do vídeo *Diáspora Humana* com duração aproximada de quatro minutos. A proposta do vídeo é apresentar a diáspora a partir das nossas origens africanas, o povoamento dos continentes e o papel das migrações na constituição de nossa civilização. A locução é acompanhada pela projeção das rotas migratórias em numa tela abaixo daquela na qual o vídeo é projetado.

No **segundo módulo, Imigração no Brasil**, encontramos nove telas de vídeo, cada qual fixada em uma coluna e dispostas por todo o ambiente. Em algumas colunas encontramos transcritos os temas: “deslocamentos indígenas”; “colonização portuguesa” e “escravidão como imigração forçada”; nas telas temos a projeção dos vídeos correspondentes aos temas. O ambiente sugere ao visitante um recorte particular das migrações humanas e como elas confundem-se com a nossa história, propondo uma ligação direta com o módulo anterior. Nos três vídeos há projeção de gravuras e locução com informações sobre a presença indígena no Brasil, ciclos econômicos, ocupação territorial, escravidão e a chegada dos imigrantes.

Contíguo a este ambiente, o visitante encontra um espaço no qual estão localizadas duas grandes telas. Em uma delas são projetadas imagens sobre as várias hospedarias de imigrantes erigidas em diversas regiões do Brasil. Na outra tela, há uma sucessão de fotografias de pessoas pobres em países da Europa sugerindo que estes foram os imigrantes em potencial; abaixo desta há três telas menores que possibilitam um exercício interativo ao visitante. São telas nas quais é possível ver fotografias das hospedarias de emigrantes de Bremen, Genova e Kobe bem como as rotas marítimas que ligavam estas hospedarias ao Brasil. Em outra tela projeta-se panfletos de Companhias Marítimas e de propaganda para atração de imigrantes para o Brasil.

No **terceiro módulo, Hospedaria do Brás**, há um conjunto de fotografias de imigrantes e migrantes nas dependências da hospedaria (barbearia, refeitórios, dormitórios, enfermaria, hospital, etc.). Composto este ambiente, há quatro expositores nos quais estão dispostos objetos de tocador, artefatos do serviço médico, utensílios de escritório, etc., induzindo uma conexão entre a iconografia e a cultura material. Um texto explica o fluxo dos imigrantes nas dependências da

Hospedaria desde sua entrada até seu encaminhamento para o campo; outro texto apresenta os condicionantes da migração interna para São Paulo.

**O quarto módulo, Cotidiano**, divide-se em três ambientes. No centro e com faces para ambos os lados, encontra-se uma instalação que sugere um grande armário com gavetas nas quais o visitante encontra *cartas de chamada* escritas por imigrantes. No centro dessa instalação há quatro saletas para o acesso a depoimentos de imigrantes e migrantes sobre temas como: viagem, hospedaria, alimentação e experiência de trabalho no campo.

Na ala direita deste ambiente, grandes mesas de madeira dispostas como um refeitório fazem alusão ao refeitório da Hospedaria. Nas mesas são projetadas fotografias de imigrantes no antigo refeitório. Na ala esquerda, o mesmo recurso é utilizado com a disposição de beliches em alusão aos dormitórios. Nas paredes das extremidades de ambas as alas e ocupando a totalidade do pé direito estão dispostos artefatos - na maioria deles remanescentes do mobiliário da antiga Hospedaria. O ambiente possui sonorização com as vozes em várias línguas que, rapidamente, exprimem momentos ou experiências de alojamento.

Retornado ao vão central por um corredor paralelo aos módulos de exposição e seguindo à direita da instalação de Nuno Ramos, temos os três últimos módulos da exposição. **O quinto módulo, Campo e Cidade** resume-se numa saleta na qual é projetado um vídeo com duração aproximada de seis minutos; nele, há uma série de informações sobre a evolução econômica do Brasil e do Estado de São Paulo; política imigratória; inserção da Hospedaria de Imigrantes no contexto da transição do trabalho escravo para o livre; formação de núcleos coloniais; etc. Vale notar a importância dada à imigração como formadora da identidade paulista.

Em direção ao próximo módulo, o visitante passa por um corredor no qual estão expostos artefatos relacionados à vida doméstica, lazer e trabalho dos imigrantes. No lado oposto deste corredor há fotografias em grandes painéis representando imigrantes no campo e cidade. Neste corredor a intenção é propor um diálogo entre os artefatos e a iconografia. Ao final dele há um ambiente composto por quatro telas. Nelas são projetadas imagens com informações sobre a ocupação demográfica e espacial do Estado desde o final do século XIX às primeiras décadas do século XX além de dados sobre a colonização oficial.

O **módulo seis, São Paulo Cosmopolita** compõe-se de 4 painéis dispostos em formato quadrangular nos quais há a projeção de imagens aéreas de ruas e avenidas centrais da cidade. Abaixo destes painéis, trinta e três pequenas telas exibem fotos de edifícios e logradouros tradicionais da cidade como o Edifício Copan, Rua 25 de Março, Estação da Luz, etc. No áudio, trechos de músicas ambientadas na cidade. Em seguida, abre-se uma sala (*Bom Retiro, Mooca, Santo Amaro e Brás*) com quatro grandes painéis representando cada qual um dos bairros paulistanos. Há um banco em forma quadrangular no centro do ambiente a partir do qual o visitante observa a sequência de imagens relacionadas a quatro temas - lazer, pessoas, religiosidade e alimentação. Na projeção de cada um dos temas são iluminadas as fotos correspondentes da relação dos imigrantes com o mesmo em cada bairro. A sonorização é a mesma do ambiente anterior.

No **módulo sete, Imigração Hoje**, o visitante encontra seis estações cada qual com uma tela onde é possível assistir depoimentos de imigrantes de inserção mais contemporânea na cidade. São: três brasileiros e um imigrante oriundo de cada um dos países a seguir: Bolívia, Colômbia, Líbano, Nigéria, Peru, Índia, Coreia, Moçambique, Paraguai e Taiwan. Retornando ao vão central há uma grande parede com a inscrição de centenas de sobrenomes de imigrantes registrados na Hospedaria.

## 2) Proposta

Em 2010 fui convidado pela Expomus para compor a equipe que produziu a exposição de longa duração a ser inaugurada quando da reabertura do espaço após o restauro. No transcurso dos trabalhos fui um dos responsáveis pela formulação preliminar dos módulos que comporiam a exposição. Em linhas gerais, a proposta era manter conteúdos de domínio comum sobre a imigração para o Estado de São Paulo (sua importância em contextos rurais e urbanos, política de colonização, industrialização, etc.), a Hospedaria de Imigrantes neste processo e também inserir no discurso expositivo questões e problemas até então não trabalhados nas exposições produzidas anteriormente, dentre eles: a conexão entre os processos migratórios e os deslocamentos humanos, a problemática atual das migrações no contexto internacional e a explicitação de discussões delicadas como a relação entre a escravidão e a problemática da exploração do trabalho dos imigrantes. Por razões pessoais me desliguei do grupo no fim daquele ano.

Na exposição, percebemos a intenção em abranger uma quantidade significativa de informações de domínio comum e também a atualização do tema dado o contexto atual no qual se inserem os fluxos

migratórios. Com relação aos dois conjuntos de módulos temos, no módulo 2 e 5 um esforço em alargar – na direção do pretérito - a cronologia dos deslocamentos humanos em várias regiões do planeta e para o Brasil, transcendendo os marcos da “grande imigração”. Em outros termos, propõem-se outras possibilidades de leitura para a questão dos deslocamentos humanos inserindo a “grande imigração” num contexto mais amplo. A inserção do tema da escravidão como imigração forçada (módulo 2) do meu ponto de vista é um avanço embora seja ainda uma questão bastante controversa, especialmente na Universidade.

O terceiro e quarto módulos trazem para a cena a Hospedaria de Imigrantes com ênfase aos aspectos cotidianos; estes sempre foram motivo de curiosidade entre os visitantes. Parte do módulo 5 tem por objetivo um panorama amplo sobre aspectos ligados ao desenvolvimento econômico do Estado, a política de colonização e a inserção espacial dos imigrantes no Estado de São Paulo. Os módulos 6 e 7 apresentam elementos que são esperados pelo público, quais sejam: a importância da imigração no desenvolvimento da cidade e a presença dos novos imigrantes em seu contexto. Espalhados pela exposição, artefatos remanescentes do mobiliário da antiga Hospedaria ou oriundos da reserva técnica propiciam a ligação entre o visitante com o passado; uma experiência que adensa exotismo, curiosidade e fruição positiva.

Apreendida em seu conjunto, a exposição contém uma divisão temática didática e bem definida. Percebemos a preocupação em inserir recursos tecnológicos em profusão como vídeos, totens interativos e sonorização dos ambientes – elementos que encontramos nos museus *modernos* da cidade de São Paulo como o Museu da Língua Portuguesa e Museu do Futebol. Num contexto onde apreendemos cada vez mais o real pela intermediação da tecnologia, a exposição tem boa receptividade junto aos estudantes que constituem seu maior público.

Por outro lado, não há um *diálogo* entre a exposição e o edifício. A vedação total dos ambientes no módulo 4, parte do 6 e no 7 cria um paradoxo entre reproduzir ambientes da Hospedaria deslocados do edifício; enquanto isso, no restante dos módulos os ambientes estão alocados no centro do corredor, voltados para si e sem conexão com o prédio que o circunda.

### 3) *Implicações*

Neste momento, é preciso revisitar a exposição para compreender a perspectiva sobre a imigração presente no discurso expositivo.



*A Torre do Carbureto que se eleva no meio da fábrica e cujo topo raramente se enxerga na bruma, fomos nós que a construímos. Seus tijolos foram chamados de ziegel, briques, tegula, cegli, kamenny, bricks, téglák e foi o ódio que os cimentou; o ódio e a discórdia, como a Torre de Babel, e assim a chamamos Babelturm, Babelturm, e odiamos nela o sonho demente de grandeza de nossos patrões, seu desprezo de Deus e dos homens, de nós, homens.* (Trecho da obra Primo Levi ao lado da instalação de Nuno Ramos)

A instalação de Nuno Ramos no vão de conexão entre os dois conjuntos de módulos da exposição chama para si a responsabilidade da recepção do visitante àquele espaço e, como toda obra de arte, está sujeita a uma pluralidade de leituras. A instalação e o trecho obra de Primo Levi, grafado acima, guardam conexões inequívocas. A carroceria de caminhão cheia de tijolos expõe a densidade da opressão nas relações entre os homens, a forma desumana com que são tratados em determinados contextos e a explosão das tensões - representadas pelos tijolos que romperam as barreiras que os *aprisionavam* e que estão caídos no chão da sala. *Materializa* também a mobilidade e o deslocamento de milhões de pessoas tratadas como objetos, isentas de sua humanidade. Homens, tijolos, línguas, deslocamentos, opressão... muitas são as possibilidades de leitura.

A dolorosa vivência de Primo Levi em Auschwitz e a instalação de Nuno Ramos sugerem que a experiência do deslocamento é apreendida como trauma: desenraizamento, sofrimento, privação, exploração... No entanto, a mensagem inscrita na recepção do visitante é negada no transcurso da exposição. Deslocamento ou fratura discursiva, o fato é que a instalação e o discurso expositivo não dialogam entre si, denotando que o discurso curatorial propõe um exercício de superação da mensagem inicial.

a) *Diáspora, deslocamento e imigração no discurso expositivo.*

Retornado ao módulo 1, “Diásporas”, o vídeo *A Diáspora Humana* ao apresentar o deslocamento pelo planeta apresenta a ideia na qual há territórios livres da presença humana e que estes foram ocupados de maneira extensiva e contínua. Essa perspectiva deixa ao largo a questão dos encontros e inevitáveis confrontos entre grupos humanos que disputaram e continuam disputando os territórios. Se a diáspora humana proporcionou a dominação da espécie no planeta bem como a construção daquilo que denominamos como civilização, ela também foi a origem de guerras, dizimação de populações e a negação de modos de vida e culturas no contato entre diferentes grupos.

Esta assepsia do conflito inerente aos deslocamentos humanos é reiterada no módulo seguinte, “A Imigração para o Brasil”. Os temas “deslocamentos indígenas”; “colonização portuguesa” e “escravidão como imigração forçada” são tratados como *ondas* ou processos de deslocamentos que se sobrepõem uns sobre os outros sem margem para se discutir as implicações inevitáveis destes encontros como as guerras, doenças, extermínio, exploração, escravização. No paralelo destas questões, as razões do deslocamento dos colonizadores, escravos e imigrantes tão pouco são analisadas neste módulo. Temas como exploração e colonização são tratados sem os conflitos que lhe são inerentes.

No módulo 5 Campo e Cidade, o vídeo retoma o sentido e a importância da imigração para São Paulo do ponto de vista econômico e cultural. Longe de querer negar esta importância, o fato é que as imagens inscrevem os imigrantes como objetos *colados* na grande paisagem do desenvolvimento econômico do Estado e seu sentido teleológico (de progresso). Repetidas vezes os imigrantes são representados em fotos individuais ou de família, em situações de trabalho ou em momentos festivos. O imigrante é o homem trabalho, sua presença na ação política (greves, imprensa operária, partidos políticos) está apartada no vídeo, bem como a ação repressiva do Estado. A colocação de fotografias de imigrantes de diferentes etnias e nacionalidades lado a lado, em murais, induz a imagem de uma grande comunhão de singularidades definidoras da *identidade paulista*; esta emerge como algo dado e não como uma construção forjada a partir de interesses, crises e tensões.

A materialização desta contribuição é retomada no módulo 6 “São Paulo Cosmopolita”. Só há espaço para a cidade dos *arranha céus*, só há lugar para os logradouros que explicitam nossa modernidade ou as edificações projetadas por arquitetos de renome. A cidade caótica, dos cortiços dos imigrantes e da precariedade urbana que recebeu e ainda recebe estes imigrantes, bem como a multiplicidade de problemas oriundos dessa inserção, está apartada desse módulo.

Na derivação desse módulo, intitulada *Bom Retiro, Mooca, Santo Amaro e Brás* a escolha de imagens que demonstram a presença dos imigrantes no contexto atual da cidade explicita novamente a assepsia dos problemas e conflitos. Interessante notar que o tema trabalho não está presente na seleção das imagens; aponto isto por que seria profícuo revelar a precariedade do trabalho imigrante nas fábricas de costura do Bom Retiro, por exemplo. O tema habitação, se

inscrito, faria emergir a precariedade da vida nos cortiços habitados por haitianos nas cercanias do Brás/Baixada do Glicério.

No último módulo, “Imigração Hoje”, a complexidade do tema é diluída pelo depoimento de imigrantes de inserção recente. Na *imigração hoje* não estão representados os muros que separam Israel da Palestina ou Estados Unidos do México, igualmente não estão presentes as tragédias dos barcos carregados de imigrantes que tentam aportar no sul da Europa ou as xenofobias e preconceitos que constroem os discursos políticos da direita na Europa ou Brasil.

*b) A Hospedaria de Imigrantes, documentação, artefatos e a imigração na exposição*

A Hospedaria está representada em dois módulos específicos: no módulo 3, “Hospedaria do Brás” e no módulo 4, “Cotidiano”. No módulo 3, optou-se por apresentar o conjunto de serviços existentes naquela instituição e que compunham a dinâmica de recepção-triagem-encaminhamento de imigrantes e migrantes para o campo. Como apontado anteriormente, o ambiente apresenta uma série de fotografias e remanescentes materiais do hospital, enfermaria, refeitório, barbearia, etc. No tocante às fotografias, não há identificação de sua fonte. Por força de minha relação com aquele espaço, sei que estas fotos foram produzidas para a propaganda oficial dos serviços prestados pelo Estado naquele espaço. Elas possuíam, em seu tempo, uma intencionalidade evidente: a assepsia dos problemas enfrentados pelos imigrantes e migrantes como superlotação, surtos de doenças, a transformação da Hospedaria em presídio em alguns momentos e as várias contendas entre imigrantes com funcionários.

A presença de artefatos nos expositores desse ambiente serve para reiterar aquilo que está presente nas imagens, construindo um sentido de ordem e racionalidade aos serviços prestados. Referendam (iconografia e artefatos) a perspectiva oficial sobre a instituição. Ao acatar essa lógica, o discurso expositivo apresenta ao visitante uma perspectiva sobre a Hospedaria, suas instalações, cotidiano e serviços que interessa apenas àqueles que buscam inscrever na memória coletiva a existência – num dado momento e lugar – de uma instituição moderna e eficiente.

No módulo 6, “Cotidiano”, temos a espetacularização dos sentidos acima. Camas com lençóis brancos e alvos e mesas perfiladas e limpas induzem um cotidiano isento de problemas. Sabemos que os colchões eram originalmente de palha e a disposição das camas nem sempre foi aquela.

Difícilmente outras representações do cotidiano poderiam estar inscritas naquele espaço, marcado por uma opção estética que intenciona uma fruição positiva ao visitante.

Estes não são problemas exclusivos dessa exposição. A última exposição realizada no Memorial do Imigrante – da qual fui um dos curadores – tratou a Hospedaria de forma semelhante. O fato é que, assim como muitas exposições em outros espaços, fazemos escolhas por formas que determinam o conteúdo da mensagem. Se para toda presença há uma ausência que a explica, as ausências não explicitadas – mesmo que de maneira indiciária – induzem a uma compreensão que, mesmo parcial, se apresenta como única.

Artefatos remanescentes da antiga Hospedaria estão inscritos em diferentes espaços da exposição. Embora haja toda uma discussão sobre a *descontextualização* destes e sua *recontextualização* em ambientes *musealizados*, (CHOAY, 2001; BREFE, 1997), a disposição dos mesmos em vitrines – como a presente no corredor que liga os módulos “Campo e Cidade” e “São Paulo Cosmopolita” – ou em grandes estantes, obedecem a uma escolha estética da curadoria. Encarcerados, os artefatos são apreciados enquanto exemplares curiosos aos olhos dos visitantes. Descontextualizados, perdem a capacidade em dar indícios (GINZBURG, 1989) sobre seu lugar social de origem, quem eram seus proprietários, como trabalhavam e viviam. Dispostos assim na exposição, transformam-se em objetos de decoração e ficam cada vez mais longe de se transformarem em cultura material. (PESEZ, 1993)

De maneira análoga aos artefatos mas em volume menor, a documentação do acervo da Hospedaria tem presença inexpressiva na exposição. Como apontado anteriormente, a maior parte desta documentação foi retirada do edifício no início das obras de restauro e levada ao Arquivo Público do Estado. Exemplares físicos da documentação aparecem em poucos momentos da exposição; tal qual os artefatos, estão sujeitos aos olhares curiosos dos visitantes; como as fotografias, são inscritos na paisagem descontextualizados e *drenados* de sua capacidade de propor um conhecimento sobre o que foi o processo imigratório a partir da dinâmica da Hospedaria. Na exposição, a documentação, assim como os artefatos, são elementos de decoração. Dispersos, sofrem com a fratura da sua unidade produtora.

E os imigrantes? Estes sofrem de uma *presença ausente*. Presentes nas fotografias, vídeos, imagens e mesmo na sonorização de alguns ambientes, estão ausentes nas suas singularidades e



contribuições para a chamada *identidade paulista*. Em outros termos – e sempre em minha avaliação – o discurso expositivo optou por não marcar a presença de grupos específicos de imigrantes. Italianos, portugueses, espanhóis e japoneses – apenas para citar os grupos de inserção majoritária no Estado de São Paulo – diluem-se no grande conjunto *dos imigrantes* no discurso expositivo.

É preciso reconhecer a complexidade desta questão na medida em que a opção curatorial provavelmente tenha sido a de não comprometer-se com a identificação de uma etnia ou nacionalidade específica. De fato, dar visibilidade a alguns grupos e ocultar a presença de outros é abrir margem para críticas, na medida em que todos os imigrantes ou descendentes gostariam de ver sua ancestralidade inscrita no território da memória representado pelo museu e sua exposição. A alternativa para isso foi o uso de uma série de entrevistas em vídeo.

A opção por apresentar experiências individuais retira a potencialidade do tema geral da exposição: *experiências, memórias e identidades*. Relembrando Sayad (1998) a imigração é um fato social complexo e uma experiência fundamentalmente coletiva. Experiências, memórias e identidades levam em conta não apenas o vivido dos imigrantes, mas também a sociedade que os recebe. Dessa forma, toda uma série de conflitos presentes na inserção dos imigrantes na sociedade paulista foram apartados da exposição.

### *Considerações Finais*

A produção de uma exposição não deve ter a pretensão de síntese do debate sobre o tema e muito menos, como nos lembra Meneses (2005), trazer para si a responsabilidade da *materialização* do vivido que, como sabemos, é movimento em movimento. A lógica formal que permeia a exposição impede a presença de *tudo e de todos*, por mais que a utilização de recursos tecnológicos dê impressão contrária. Enquanto forma de conhecimento, as exposições *iluminam* e deixam nas brumas um conjunto de elementos que são igualmente explicativos daquilo que deseja expor; inserem-se, inevitavelmente, no debate sobre as formas de abordagem de determinado tema, suas revelações e ocultamentos.

Quero marcar as considerações acima na medida em que as críticas apresentadas neste artigo e as que se seguem não devem ser compreendidas apenas como um rol de problemas da exposição presente no Museu da Imigração. Aqueles que como eu já foram curadores em exposições ou auxiliaram na organização das mesmas sabem dos inúmeros problemas que incidem na sua concepção, elaboração, montagem e também nas sempre difíceis escolhas e nos descartes que são inevitáveis. De toda forma, o produto final é a explicitação da intenção curatorial e corresponde às suas perspectivas e intencionalidades. Ao tornar-se pública por intermédio da exposição, a intenção curatorial estará sujeita ao diálogo com os interlocutores que apreendem e reagem (positiva e negativamente) às suas escolhas e ocultamentos.

Em primeiro lugar, *Migrar: experiências, memórias e identidades* é o produto de uma nova estética expositiva baseada na utilização cada vez mais intensa de recursos tecnológicos. Visando seu público por excelência (estudantes do ensino fundamental e médio), a exposição adentra à forma com que as novas gerações apreendem a realidade, qual seja: pela intermediação da tecnologia. Esta opção privilegia a utilização da informação em suportes que deixam em segundo plano a documentação que a originou e seu contexto produtor. Como resultado, temos uma informação despida de seu processo de construção e de suas intencionalidades, propondo uma leitura linear das mesmas, apartadas de suas contradições, debates ou outras possibilidades de interpretação. Nessa perspectiva, a apresentação dos artefatos retira sua potencialidade enquanto cultura material em prol de uma opção estética; o mesmo ocorre com a documentação.

Em segundo lugar, e como já apontado anteriormente, a Hospedaria é representada considerando-se prioritariamente a perspectiva oficial e inserida num *continuum* temporal único. Sua história, transformações, desafios e problemas estão ao largo da exposição; a Hospedaria transforma-se num lugar atemporal de recepção-triagem-encaminhamento de imigrantes e migrantes. O impacto de seu fechamento em 1978 para as levas de imigrantes que continuaram a chegar a São Paulo tão pouco é notado na exposição.

Em terceiro lugar, a imigração e suas fases ou as contendas e desafios da fixação vividos pelos imigrantes não emergem de maneira clara na trajetória expositiva. A linearidade com que são expostos temas como: diáspora, êxodo, escravidão, imigração ou migração interna, coloca

processos diferentes num mesmo patamar, o dos deslocamentos. Suas raízes históricas e consequências não tem espaço na exposição.

Por outro lado, a imigração enquanto experiência coletiva é diluída na apresentação de histórias de vida muitas delas baseadas no discurso linear do estranhamento, apropriação, assimilação e superação da experiência imigratória. Neste sentido, a ausência dos desafios que incidem sobre os imigrantes (pretéritos e contemporâneos) como a discriminação, xenofobia ou os desafios em tentar superar sua condição de homem-trabalho e tornarem-se sujeitos da ação política (SAYAD, 1998), exilam da exposição uma série de questões que estão no debate do *ser imigrante*.

Por fim, considero *Migrar: experiências, memórias e identidades* uma exposição que possui muitos méritos. Assim como a *materialização* de uma concepção de história inscrita por Taunay no vão central do Museu Paulista propiciou e ainda propicia um intenso debate sobre as formas da história aos que visitam aquele espaço, a nova exposição do Museu da Imigração tem o potencial de fazer o mesmo. Deixar de ser *templo* para se tornar *fórum* é uma das mais importantes funções dos museus (MENESES, 2005; DUNCAN, 1995). Ao explicitar uma concepção sobre a imigração e enfrentar o desafio da atualização do tema, o discurso curatorial fez emergir uma gama de questões. Sem essa exposição, perderíamos a chance de recolocar no debate uma série de elementos que cercam a problemática das imigrações pretéritas e presentes. Algumas delas explicitarei neste artigo e creio que muitas outras ainda surgirão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BITTENCOURT, José. *Cada Coisa em Seu Lugar. Ensaio de Interpretação do discurso de um museu de história*. In Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér., v. 8/9, p. 151-174 (2000-2001) Editado em 2003.
- BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *Museus Históricos na França: entre a reflexão histórica e a identidade nacional*. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. V. 5, p.p.175-203 – jan.-dez, 1997
- CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.
- CHOAY, Françoise. *A Época dos Antiquários – Monumentos Reais e Monumentos Figurados e A Revolução Francesa*. In: A Alegoria do Patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade: Editora da Unesp, 2001, p.p. 61-124.
- CURY, Marília Xavier. *O Campo de Atuação da Museologia*. In: Exposição. Concepção, Montagem e Avaliação. São Paulo: Annablume, 2005.
- DUNCAN, Carol. *O Museu de Arte como Ritual*. In: *Civilizing Rituals: Inside Public Art Museums*. London: Routledge, 1995.
- GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário*. In: *Mitos, Emblemas e Sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- MAGALHÃES, Aline M. e RAMOS, Francisco Regis L. *De Objetos a Palavras. Reflexões sobre Curadoria de Exposições em Museus de História*. In: JULIANO, Letícia (coord.) e BITTENCOURT, José (Org.) *Caderno Diretrizes Museológicas 2. Mediação em Museus. Curadoria, Exposições e Ação Educativa*. Belo Horizonte, Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais. Superintendência de Museus, 2008.

- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. *A Exposição Museológica e o Conhecimento Histórico*. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves e VIDAL, Diana Gonçalves (Orgs.) *Museus. Dos Gabinetes de Curiosidades à Museologia Moderna*. Belo Horizonte: Argvmetvm: Brasília Cnpq, 2005
- PAIVA, Odair da Cruz. *Museus e Memória da Imigração: embates entre o passado e o presente*. In: *Patrimônio e História*. LEAL, Elisabete; PAIVA, Odair da Cruz (Orgs). Londrina, Unifil, 2014.
- PAIVA, Odair da Cruz. *Arquivos da Imigração no Contexto da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo*. *Patrimônio e Memória (UNESP)*. v.5, p.1 - 17, 2009.
- PAIVA, Odair da Cruz; MOURA, Soraya. *Hospedaria de Imigrantes de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2008
- PESEZ, Jean-Marie. *História da Cultura Material*. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração e os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo: EDUSP, 1998.
- TODOROV, Tzvetan. *Los Abusos de La Memoria*. Buenos Aires. Ediciones Paidós, 2000.